

AUTOR(ES): JUÇARA DE SOUZA NASSAU, FÁTIMA RAQUEL FERREIRA COSTA, HELOISA DE LOURDES VELOSO DUMONT, MARIA ELVIRA CURTY ROMERO CHRISTOFF e LUCAS SOARES ALENCAR MONTEIRO.

ORIENTADOR(A):

A COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS MÉDICAS DE KONSTANTIN CHRISTOFF (1923-2011)

Introdução

Este estudo trata das representações do corpo pela ciência. Nesse sentido, objetivamos compreender o estatuto que as fotografias adquirem nesse contexto. O *corpus* de investigação são os retratos de enfermos realizados em meados da década de 1950 pelo artista plástico, fotógrafo e médico búlgaro Konstantin Christoff (1923-2011) em Montes Claros-MG. Interessam especificamente os retratos realizados nesse período dos enfermos internados na Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros.

Konstantin Christoff nasceu em Strajitzta, na Bulgária, em 1923. Radicou-se no Brasil a partir de 1933, residindo em Minas Gerais, mais especificamente na cidade de Montes Claros. Formou-se em Medicina em 1948 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo chefiado o Serviço de Cirurgia da Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros (COLARES e SILVEIRA, 1995).

Entendemos que o médico/fotógrafo/artista diante do potencial da fotografia e da possibilidade de criar um acervo visual de doenças e doentes posiciona-se entre o registro médico do normal e do patológico; da documentação fotográfica médica e aquela de inspiração artística modernista, advinda da prática fotoclubista. Nesse ponto, propomos uma reflexão acerca do corpo-imagem e do corpo-objeto colocando em questão a produção artística e os registros do corpo, gerador de imagens e espaços expressivos nas percepções do sujeito artista e pesquisador, construtor de sentidos. Assim, pretendemos enfatizar as produções fotográficas médico-científicas que envolvem tanto o fazer artístico quanto as suas relações com os registros de cunho científico.

Konstantin Christoff, com seu olhar estrangeiro, agia como andarilho tanto pela cidade como em suas redondezas, fotografando paisagens do sertão do Norte de Minas Gerais, as cidades e os seus habitantes. Além disso, fotografou os pacientes, internos da Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros. Essas imagens, provocaram-nos um choque visual: a nudez patológica e a fragmentação do corpo pela doença e pelo enquadramento. Assim, entendemos que a coleção utilizada nessa pesquisa congrega importantes eixos de reflexão sobre a imagem.

Material e Métodos

Konstantin Christoff teve uma imensa produção fotográfica somente até meados da década de 1950. São milhares de imagens negativas em preto e branco e centenas de ampliações

fotográficas realizadas por ele mesmo.

Pela imagem do corpo objetivado pela ciência é possível perceber as lesões e as deformações no corpo (Fig. 1), quanto pacientes internados que, apenas através do enquadramento fotográfico, não foi possível identificar se algum mal os acometia. Nesse ponto, recorremos à Canguilhem (1978), que considera as relações ambíguas que se estabelecem historicamente entre o normal e o patológico. A partir disso, ponderamos que a doença pode estabelecer padrões visuais de normalidade ao corpo e separamos os retratos dos pacientes entre aqueles que apresentam sinais de doenças e aqueles que, mesmo estando internados e, provavelmente, sintomáticos, não é possível perceber se são portadores de alguma doença.

Portanto, as primeiras ações metodológicas na presente pesquisa se basearam na separação das fotografias médicas dentro da coleção de fotografias em estudo. E, em seguida, a transformação dessas imagens negativas em imagens positivas; a ampliação e organização das imagens selecionadas em espaço virtual, para posterior estudo e análise e pode ser acessado no link: <https://jucaranassau.wixsite.com/konstantinchristoff>².

Número de aprovação do parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa: 3.037.492.

Resultados e Discussão

Digitalizadas, ampliadas e organizadas as imagens permitem construir diversos olhares para o corpo doente. No ambiente digital as imagens ressurgem e, com elas, os seres, os lugares que habitam e reafirmam a presença de vida na imagem. Tanto do ponto de vista no contexto de produção dessas imagens, tanto do ser que fotografa quando daquele que é fotografado, como também do expectador das imagens médicas.

Nesse aspecto, interessa entender se as fotografias de doentes produzidas pelo médico Konstantin Christoff guardam relações com esse olhar científico ou sofrem alguma interferência de seu olhar sensível e subjetivo de artista. Diante do exposto, questionamos se todas as fotografias produzidas no hospital pelo médico/fotógrafo podem ser consideradas fotografias médicas.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

A visualização dos sujeitos fotografados por Konstantin Christoff e suas patologias superam a objetividade fotográfica pretendida pela ciência médica. Argumentamos nessa pesquisa, a partir de Elkins (2011), que as imagens científicas podem ser expressivas desde o seu lugar de produção -nesse caso, o hospital. Entendemos que o processo fotográfico possibilita a construção de um imaginário do corpo e de um novo olhar para a fotografia médica.

Nessa esteira, investigamos a dupla relação arte/ciência; normalidade/anormalidade; sadio/doente na produção das imagens, não propusemos superar esses conflitos ou estabelecer e definir um limite entre essas dualidades, mas buscamos por diálogos e interrelações entre esses campos de saberes. Desses imbricamentos entre as representações do corpo e a partir dos registros fotográficos produzidos através das percepções do sujeito artista e médico, ambos construtores de sentidos, refletimos acerca do corpo-imagem e do corpo-objeto, assumindo que as imagens

1

² Para ter acesso é necessário a utilização da senha: konstantin

científicas também podem ser carregadas esteticamente desde a sua produção e, historicamente, promoveram a Cultura Visual da Medicina.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Goiás (UFG) e à Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), por contribuírem com a imersão na pesquisa e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), pela bolsa de pesquisa que nos permitiram dedicar integralmente a ela.

Referências

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Trad. Maria Tereza R. de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978

CASCAIS, A.F (Org). **Olhares sobre a cultura visual da medicina em Portugal**. Leya Editores, Lisboa, 2015.

COLARES, Zezé e SILVEIRA, Yvonne. *Montes Claros de ontem e de hoje*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

DOBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1998.

ELKINS, James. **História da arte e imagens que não são arte**. Trad. Daniela Kern. Revista Porto Artes. Vol. 18. N. 30. P. 8-41, 2011. Disponível em <http://seer.ufg.br/PortoArte/article/view/29619> Acesso em: 30 de agosto de 2015.

GIL, José. Metafenomenologia da monstrosidade: o devir monstro. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

METZLER, **Via sacra**: Konstantin. In: SACRAMENTO, Enoch, et all. *Arte e Medicina*. São Paulo: Sadalla Galeria de Arte, 1990.

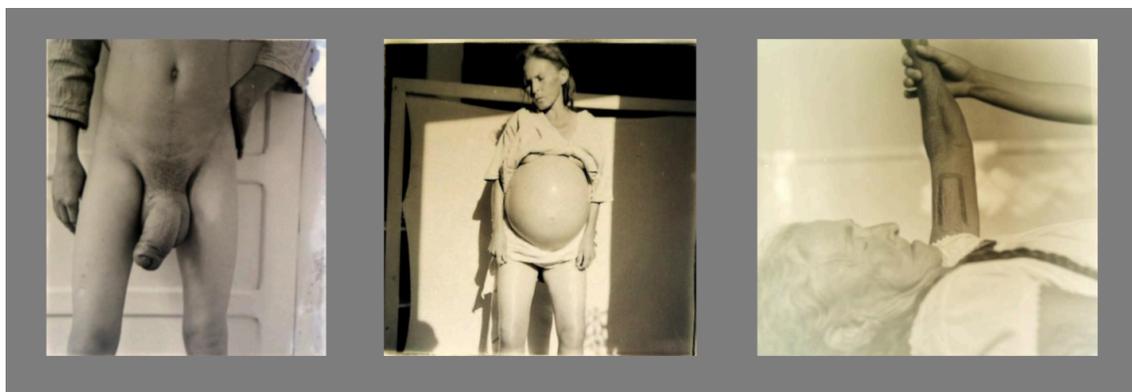


Figura 1. Exemplos de fotografias médicas de Konstantin Christof
Fonte: Acervo particular de Maria Elvira R. Christof.